

EM DEFESA DA MULHER: FONTES E INFLUÊNCIAS DISSEMINADORAS DA REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NA LITERATURA MEDIEVAL*

Márcia Maria de Melo Araújo¹
Universidade Estadual de Goiás

RESUMO: A uniformidade do discurso misógino na Idade Média acaba por constituir-se importante elo entre o período medieval e o presente, se se levar em consideração que tal discurso, conscientemente ou não, ainda administra as formas pelas quais é concebida a questão da mulher. É nesse sentido que, ao lado de uma consolidada tradição misógina, emerge uma incipiente voz de defesa da mulher, sugerindo que o feminino se movimenta dentro de sua ambivalência vindo das condições de sua construção ideológica e social. O grande desafio do reconhecimento da mulher no espaço social é o de ser lida, analisada e interpretada como pertencente a um contexto histórico e literário singular, na medida em que lhe é reclamado um olhar de gênero fora de seu contexto. Daí o objetivo deste estudo em apontar fontes e influências da representação da mulher, a exemplo de Christine de Pizan e de outros escritores da Idade Média.

Palavras-chave: Defesa da mulher, Idade Média, Literatura Medieval.

RESUMEN: La uniformidad del discurso misógino en la Edad Media acaba por constituir un importante eslabón entre el período medieval y el presente, si se tiene en cuenta que tal discurso, conscientemente o no, todavía administra las formas por las que se concibe la cuestión de la mujer. Es en ese sentido que, al lado de una consolidada tradición misógina, emerge una incipiente voz de defensa de la mujer, sugiriendo que lo femenino se mueve dentro de su ambivalencia viniendo de las condiciones de su construcción ideológica y social. El gran desafío del reconocimiento de la mujer en el espacio social es el de ser leído, analizado e interpretado como perteneciente a un contexto histórico y literario singular, en la medida en que se le reclama una mirada de género fuera de su contexto. De ahí el objetivo de este estudio en señalar fuentes e influencias de la representación de la mujer, a ejemplo de Christine de Pizan y de otros escritores de la Edad Media.

Palabras clave: Defensa de la mujer, Edad Media, Literatura Medieval.

INTRODUÇÃO

* Este trabalho é produto parcial do projeto intitulado “Leitura, literatura e imaginário na formação do leitor”, sob coordenação da profa. dra. Márcia Maria de Melo Araújo, desenvolvido com o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual de Goiás.

¹Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás. Docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP), certificado pelo CNPq. e-mail: marcia.araujo@ueg.br

Como proposta central deste estudo está o levantamento de significativos pronunciamentos de defesa da mulher em obras e autores da Idade Média, com a ideia de refletir sobre fatores condicionantes culturais, ideológicos e de ordem política que influenciaram na formação dos juízos de valor sobre a realidade feminina na Idade Média e a sua produção intelectual.

Esse campo de investigação, focado na abordagem do que seria uma história intelectual da mulher, que na realidade parece estar longe de se concretizar, tem como principal interesse a documentação textual de natureza filosófica, científica e literária, não desconsiderando registros textuais de outras áreas do saber. A orientação deste estudo consiste em abordagens teóricas e críticas acerca não só dos recursos técnico-formais, expressivos e temáticos, mas também dos princípios valorativos que, buscados à mais antiga tradição, viram a figura feminina sob os mais diferentes ângulos: exótica, encantada, angélica, demoníaca, porém, esses princípios orientam a consideração do mundo moderno e contemporâneo a respeito do assunto.

Com base em resultados de estudos já realizados em vários campos do conhecimento acerca da cultura ocidental, tem-se como pressuposto investigativo, o fato de a imagem feminina ser de raízes fincadas na própria antropologia cultural, histórica e social do patriarcalismo na sua concepção ocidental, quer de ascendência pagã ou judaico-cristã (Tedeschi, 2008). Levamos em consideração a presença de uma forte disposição androcêntrica que se caracteriza por apresentar uma visão principalmente misógina da realidade feminina. Entretanto, em meio a essa corrente misógina, há textos representativos no pensamento medieval europeu, tanto no campo religioso e filosófico como literário, que tratam da apologia da mulher.

O levantamento seletivo de tais textos, que depuseram a favor da mulher, contribui para os estudos sobre a produção intelectual feminina posto que a identificação de juízos de valor sobre a mulher e a repercussão das ideias femininas na produção letrada das mulheres forma o mapa histórico, filosófico, imaginário, ideológico, político da figura feminina, que geralmente se diacroniza em formações essencialistas sobre a sua natureza e função social e cultural.

Chama a atenção a construção de imagens femininas na literatura, de modo geral, como um meio pelo qual valores culturais têm sido mantidos de geração em geração. A título de exemplo, Howard Bloch (1995) observa na literatura medieval a presença das mulheres como agentes que modificam o enredo para o bem ou para o mal.

Entender os mecanismos dessa construção é uma das etapas que podem ajudar a modificar valores ao demonstrar a interação entre a imagem construída da mulher e a influência dessa construção no imaginário de uma sociedade.

Acreditamos que os estudos literários podem viabilizar uma ampliação de métodos e escolas críticas, não simplificando o texto literário, mas oferecendo modos de ver como antigas estruturas de poder se inscrevem e se codificam na nossa herança literária, mostrando as consequências dessa inscrição para a humanidade (Allen, 1985). Não desejamos, aqui, uma prática utópica de mudança da sociedade. No entanto, é nosso desejo, uma possibilidade a mais de leitura e de compreensão do feminino. Assim esta investigação se inicia desde as raízes fincadas na antiguidade clássica, passando pela tradição judaico-cristã, pela literatura patrística e seu legado medieval, até a formação de um tipo especial de literatura escrita no latim medieval e também de escritos vernaculares de postura pró-mulher da tardia Idade Média, seja ela feita por mulheres ou homens.

Dessa forma, a literatura, de autoria feminina ou não, se constitui uma ferramenta que pode ser aplicada a desvelamentos ou desconstruções não apenas de gênero, mas de critérios para estabelecer por que há diferentes formas de escrever sobre as mulheres, permitindo ao leitor localizar, no texto, indícios de seu destinatário, por exercer na obra uma tomada de consciência de seu papel social.

Possivelmente uma das primeiras vozes da Antiguidade Clássica em defesa da mulher tenha sido a de Sócrates, com seu olhar observador e denunciador, ao expressar que a natureza feminina não é inferior à do homem, e o que lhe falta é educação. Ainda o filósofo completa, em *A República* de Platão, sua simpatia pelas práticas espartanas por darem oportunidades à mulher, dizendo que uma cidade que não educa as mulheres é apenas meia cidade (Xenofonte, 2008).

Não se pode deixar de comentar, por exemplo, a respeito de Christine de Pizan (1365-ca. 1430), uma das mais significativas vozes de defesa da mulher no tradicional pensamento masculino de base misógina antiga e medieval (Kelly, 1972). Pizan, em argumentação contrária a um extenso número de textos misóginos, tenta desconstruir a ideia de que todo comportamento feminino é cheio de vícios, dirigindo-se a filósofos, poetas e oradores, depreciadores das mulheres e incentivadores do *topos* da imperfeição feminina (Araújo; Fonseca, 2017).

Christine de Pizan apresenta uma série com mais de cem exemplos de histórias vividas por mulheres dignas de serem imitadas: rainhas como Nicole, Fredegunda, Artemisa; poetisas como Safo; personagens da mitologia e da antiguidade pagã como Semiramis, Sinope, Hipólita, Menalipe, Lampeto, Pentesileia, Tomiris; mulheres bíblicas como Ester, Judite e Jael; representantes da cristandade católica a exemplo de santa Helena, santa Brigite e santa Elisabet; outras pagãs como Lucrecia, Vetúria e Virgínia; entre outras que a escritora arquiteta para construir sua cidade, o lugar de um progresso das condições de vida feminina.

A partir dessas e de outras leituras, realizamos um levantamento preliminar acerca do *corpus* – autores e obras (originais e traduzidas) – do estudo que consistiu primeiramente de uma relação de autores e de obras que se tornaram conhecidos pela defesa da mulher.

1 ATAQUE À MULHER

A presença de certas estratégias retóricas legitimadas por crenças e religiões, as quais, como verdadeiras fórmulas de autoridade, nutriam o conhecimento e a sabedoria da Idade Média, abriu precedentes para a ramificação dos preconceitos contra a mulher. Para Katherine M. Rogers (1966), esses preconceitos se apresentavam, na mentalidade e na cultura ocidentais, não só como uma construção herdada da antiguidade clássica, mas também, e principalmente, como uma formação do pensamento judaico-cristão desenvolvido na Idade Média, uma vez que os medievais revelavam uma considerável estima por autoridades e exemplos antigos, baseando-se no clássico estoque da misoginia assim como o fizeram relativamente à Bíblia e aos Padres da Igreja (Rogers, 1966, 56).

Também assim fundamentada, Simone de Beauvoir (1980) condensa toda essa tradicional postura contra a mulher sedimentada pelos doutores da Igreja, ao dizer que, baseados no Antigo e Novo Testamentos, muitos deles foram fiéis a essa tradição: São Paulo exigiu discricção e modéstia por parte da mulher; Tertuliano descreve a mulher como causa de o pecado ter entrado no mundo; Santo Ambrósio culpa Eva por induzir Adão ao pecado e por isso ela deve ser subordinada a ele; São Tomás declara que a mulher, por ser incompleta e sem nenhuma autoridade, uma espécie de homem falhado, deve viver sob o domínio do homem. É nesse sentido que é possível de ser notado que

a tradição judaico-cristã é firmada numa tradição antifeminista, em que o princípio da subordinação da mulher ao homem concentra uma categoria conceitual redutora do feminino.

É de se notar ainda que essa postura contra a mulher corresponde a ideias e a figuras que, oriundas de certo senso comum a muitas civilizações, revelavam esse mesmo pavor pelo órgão genital feminino destruidor, concebido como um *locus* que trazia a ideia de perigo, castração e morte. Ademais, essa ideia do temor e da ameaça apresentados pelo feminino remonta a construções míticas presentes nas mais ancestrais civilizações (Araújo, 2013). Tem a ver com a visão primordial da natureza e da terra como entidade deificada, detentora de segredos e de mistérios provedores não só dos auspícios da vida (Eros) como também do infortúnio da morte (Tânatos).

Por vezes, o imaginário sobre a natureza e os atributos do feminino resultava de combinações analógicas, quando a sugestão de uma poderosa regência instintiva e telúrica, projetada como essencialmente característica da constituição natural do feminino, combinava-se com o zoomorfismo tradicionalmente utilizado para representar a mulher com qualidades não menos irracionais retiradas do bruto mundo mineral. Estudiosas do assunto como Sullerot (1971), McLaughlin (1976), Kaplan (1986), Xavier (1991), Labé (1995) e Muraro (2001) são unânimes em afirmar que um dos aspectos mais temidos da natureza feminina foi ancestralmente imputado à sua natural disposição para os apetites do corpo, expressos pelo desejo luxurioso da carne, geralmente sentido e racionalizado pelo homem como comprometedor da sua integridade física, moral e espiritual.

Esse motivo encontra-se alegoricamente presente no bestiário medieval, podendo ser exemplarmente notado na representação de animais e até de minerais a respeito da natureza feminina. Esse imaginário sobre a natureza feminina completa-se quando, a seguir à descrição das propriedades biológicas e físicas de certas criaturas, e aqui podem ser incluídos os minerais, o bestiarista faz o comentário moralizante de fundo religioso, chamando a atenção do homem para um dos mais perigosos atributos da natureza feminina – a sua lascívia (White, 1984, 226-227).

Pedro Fonseca (2011) comenta, em seu estudo sobre o bestiário e o discurso do gênero, que essa moralização sexual, resultada da sugestão de um imaginário relativo a virtudes e a propriedades espetaculares do mundo animal, comparece mais insistentemente em referência direta ou analógica ao gênero feminino, não só de

animais selvagens como também de seres fabulosos e fantásticos hibridamente configurados num aspecto monstruoso.

Exemplo característico desse último caso, dada a sua condição arquetípica, é a figura da sereia, que, numa versão de um bestiário toscano, simboliza a natureza feminina como essencialmente ambígua. Assim, o feminino, a partir desse imaginário, constituía-se ambigualmente por qualidades e defeitos, tais como a ambivalente condição da sua beleza e encanto em fascinar e aterrorizar (Bestiário..., [s.d.], 24).

Apesar dessa comentada discrepância do feminino, ficou notória a visão da fêmea como uma necessidade natural à continuidade da vida, uma vez que a natureza, que não opera por acaso, tem um curso organizado dentro da ordem universal. Essa ideia da ordem universal das coisas tornar-se-ia bastante cara à Idade Média, como bem a expressa Isidoro de Sevilha, ao comentar o sentido do Universo como um coro cósmico, composto pela relação harmônica de semelhanças e diferenças, “onde mesmo a ambiguidade, a disformidade contraditória e a perversão sublinhavam a onisciência e a onipotência do misterioso plano da criação e da redenção divinas” (Fonseca, 1996, 108).

Christiane Klapisch-Zuber (2006), sintonizada no assunto, exemplifica três tipos de discursos sobre a mulher. O primeiro é de um monge do século XII, Ruperto de Deutz, sobre a personalidade de Eva, que para ele já se mostrava “abusiva, arrogante e insistente” (Klapisch-Zuber, 2006, 137). O segundo é o de Boccaccio, século XIV, na fala de uma de suas personagens femininas, em que ela diz que as mulheres, e se inclui também, são todas volúveis, contraditórias, desconfiadas, covardes e medrosas, e que sem a administração de um homem “raramente algo que fazemos chegamos a um fim louvável” (Klapisch-Zuber, 2006, 137). E, por terceiro, Hildegarda de Bingen, século XII, que escreve o seguinte: “A mulher é fraca, ela vê no homem o que pode lhe dar força, da mesma maneira que a lua recebe sua força do sol. É por isto que ela é submissa ao homem, e deve estar sempre pronta a servi-lo” (Klapisch-Zuber, 2006, 137).

Como se pode notar, nos discursos que Klapisch-Zuber mostra como exemplos, homens e mulheres partilhavam a mesma visão do feminino, não se podendo ignorar o antifeminismo da época medieval. Entretanto, há quem faça oposição às ideias desabonadoras do feminino e desempenhe um papel em defesa da mulher. Por isso nosso interesse em Letter 6 (*De auctoritate vel dignitate ordinis sanctimonialium*), de Abelardo (1955), contido em *The Letter of Heloise on Religious Life and Aberlard's First Reply*. Igualmente Albertano of Brescia (1873), no *Liber consolationis et consilii*,

e Christine de Pizan (1891), tanto em *L'Epistre au Dieu d'Amours*, quanto em *La Querelle de la Rose* (1978) e em *The Book of the City of Ladies* (1982), trazem um diálogo sobre a defesa da mulher.

Assim como esses autores e autora, outras obras, a exemplo da edição londrina de *Dives and Pauper* (1980), vão debruçar o olhar sobre o feminino, contornando seus segredos e descobertas de forma mais acolhedora. *The southern passion* (1927) e *The thrush and the nightingale* (1991), obras que relativizam o pesado ambiente patriarcal, promovem a mulher. O *Liber decem capitulorum* de Marbod de Rennes (1984a e b), o famoso *A lover's confession* de John Gower (1900) e o próprio Richard de Fournival (1986) em seu *Master Richard's Bestiary of Love and Response*, têm passagens obrigatórias sobre o feminino e trazem trechos em que a apologia ao feminino e à mulher parecem neutralizar a insistência do discurso misógino.

2 A DEFESA DA MULHER

Com o intuito de investigar, na literatura sobre mulheres e nos estudos medievais, fatores condicionantes culturais, ideológicos e de ordem política que influenciaram na formação dos juízos de valor sobre a realidade feminina, situa-se a proposta de um levantamento de significativos pronunciamentos sobre a mulher e em defesa dela, os quais se constituem fontes fundadoras e de influências disseminadoras para a visão e para a representação da mulher na cultura e na literatura ocidentais.

Com isso, o estudo tem a finalidade de resgatar a história e os conhecimentos antropológicos e culturais acerca das mulheres no Ocidente, servindo tal rebusca para instruir tomadas de posições não só relacionadas aos estudos acadêmicos, teóricos e críticos, mas também relativos aos estudos do gênero em suas várias vertentes sociais e políticas. Nesse sentido, pretendemos formar parcerias com docentes de vários Programas de Pós-Graduação e estender a investigação a grupos de pesquisa. Inclusive, este projeto se integra ao Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP), certificado pelo CNPq.

O estudo possui como metodologia e estratégias de ação, o levantamento dos principais textos da Idade Média que se constituem fontes fundadoras do discurso em defesa da mulher na literatura ocidental. Em termos operacionais, os textos foram lidos e, deles, selecionadas as partes julgadas, por nós, mais expressivas no tratamento do

tema da defesa da mulher medieval. Esses textos foram alinhados em ordem cronológica, indicando-se em notas as suas recorrências intertextuais. Isso para que se possa investigar acerca da possível existência de modelos, pelos quais se pautaram o tratamento do tema. Com a finalidade de se examinar, comentar, interpretar e criticar os diversos pronunciamentos textuais e culturais acerca da mulher na sociedade ocidental, o material de pesquisa foi considerado em termos interdisciplinares e interculturais.

Como todo objeto perspectivado em termos de juízo de valor histórico, ideológico e político tende a reproduzir a própria tradição binária da positividade ou da negatividade, a configuração defensiva da mulher, desde os pronunciamentos tradicionais, a influírem em posturas modernas e contemporâneas, apresenta-se constituída, de passagem obrigatória, pelo seguinte quadro:

Autores / obras de defesa e resposta ao antifeminismo medieval: *A Carta* de Aberlardo (1079-1142), *O livro do consolo e do conselho* de Albertano de Brescia (c.1193-c.1260), *Le Livre de la Cité des Dames* [A cidade das damas] (ca. 1405) de Christine de Pizan (1365-c.1430), *A Lover's Confession* [Uma confissão do amor] de John Gower (c.1325-1408), *De meretrice et De matrona* [Sobre a meretriz e Sobre a boa dama] de Marbod de Rennes (c.1035-1123), *Master Richard's Bestiary of Love and Response* [A resposta ao Bestiário do Amor] (c.1250) de Richard de Fournival, *The Southern Passion* (fim do século XIII, antes de 1290), *The Thrush and the Nightingale* (fim do século XIII, de autoria anônima), dentre outros. Devido à economia de espaço, selecionamos excepcionalmente para este trabalho *A cidade das damas* de Christine de Pizan, obra e autora sobre as quais retomamos com mais acuidade.

De conformidade com o que se propõe nesta metodologia, o quadro anterior referido como passagem obrigatória para os estudos da apologia da mulher será sistematizado e lido, sem se deixar de lado que é notório que o tema da imperfeição da mulher foi fortemente influenciado pela *formula mentis* da tradição medieval e reflete fundamentos sancionados pela autoridade de Aristóteles em *De generatione animalium*, ao qual seguiu de perto Galeno em *De usu partium corporis humani*. Para figurar o simbólico sentido destruidor do corpo feminino, uma concepção básica é aproveitada: o antigo medo do órgão sexual feminino, significando o portão do Inferno do imaginário religioso medieval, imagem associada ao arcano medo psicosssexual da castração (Borresen, 1981).

Para Klapisch-Zuber (2006), o discurso medieval misógino atua pela separação, pela diferenciação do feminino em oposição ao masculino, este percebido como plenitude e totalidade. Com isso, o corpo feminino teve seus defeitos expostos e reunidos em torno de um discurso desrealizante da mulher. Sobre esse discurso, em termos do registro de fonte de conhecimento aberto na Idade Média, nenhuma mulher, antes de Christine de Pizan, tratou textualmente de apontar os pensamentos derogatórios da natureza feminina. Se houve, lamentavelmente seus textos não chegaram até nossos dias ou ainda não foram encontrados.

Para vários estudiosos da Idade Média, dentre os quais destacamos Georges Duby (2011), obras como a de Christine de Pizan têm um caráter proeminente no que diz respeito às primeiras expressões de um discurso de defesa feminino. Para o estudioso, as fontes escritas até pouco antes do século XII vêm de documentos feitos por homens, de forma que estabeleceu-se uma sociedade essencialmente masculina em que a mulher é a sua parte oculta. Entretanto, segundo o historiador francês, é preciso estudar conjuntamente os dois sexos para se entender a história das mulheres e a coerência entre a condição masculina e feminina no seio da organização familiar. Desse modo, discursos como os de Abelardo, Albertano de Brescia, John Gower, Marbod de Rennes, Richard de Fournival e Christine de Pizan colaboram para se entender a formação do pensamento feminino e sua história.

Abrimos um parêntese para comentar o que faz Pizan em resposta a um número relativamente amplo de textos misóginos, entre os quais o famoso poema autobiográfico em latim intitulado *Liber lamentationum Matheoluli* (c. 1295) de Mathieu de Bologne. *Les Lamentations de Matheolus* trata-se de uma tradução de um sutil poema, em que Mathieu alega que a sua experiência de casamento com uma viúva lhe havia custado o sucesso na carreira de advogado e clérigo. Daí suas reservas acerca das esposas e das mulheres em geral. O livro não obteve uma circulação muito grande, embora fosse lido junto com o Theophrastus por Deschamps e por seus amigos no final do século XIV. Talvez ele tenha também interessado Le Fèvre, devido ao fato de ele já haver traduzido *De vetula*, do pseudo-Ovídio, que era sobre uma velha alcoviteira (prostituta), do tipo intermitentemente satirizado por Mathieu. De qualquer modo, a versão de Le Fèvre provou ser uma eficaz propagação da tradição satírica contra a mulher, garantindo que o nome de Matheolus continuasse a acompanhar o de Jean de Meun, em seu brutal antifeminismo, na querela contra as mulheres no século XV (Fonseca, 2011).

É provavelmente ao texto de Le Fèvre que Christine de Pizan se refere no começo de sua narrativa no *Livro Cidade das Damas*. Christine olha com desaprovação o livro de Le Fèvre por ser um livro que trata o seu assunto de maneira frívola (*en manière de trufferie*), não possuindo, alegadamente, uma boa reputação. Assim, propositalmente, ela o coloca de lado, a fim de se concentrar, conforme diz, em assuntos mais sérios. Afinal, Pizan está comprometida com a defesa das mulheres e questiona o porquê de escritos como esses de Le Fèvre e de Mathieu e a sistemática refutação das alegações dos autores sobre as mulheres.

As alegações sobre a malícia feminina, comentários sobre a inferioridade das mulheres, a ladainha de seus defeitos são algumas das repetições que corroboram o antifeminismo da época, sobre os quais Christine de Pizan deseja construir seus argumentos, com a finalidade de exterminar a ideia de que o comportamento feminino é corrompido. Para tanto, ela se dirige a depreciadores das mulheres e incentivadores do *topos* da imperfeição feminina, questionando o motivo de tal ataque por vezes tão irônico a respeito da natureza das mulheres.

Uma das imagens que chamam a atenção logo no início de *Cidade das Damas* é a das três damas (Razão, Retidão e Justiça) revelarem a Pizan que ela tinha sido a escolhida para erigir uma cidade fortificada, com excelentes fundamentos, onde habitariam todas as damas de renome e mulheres louváveis, uma vez que os muros da fortaleza seriam fechados a todas aquelas desprovidas de virtudes. Esse tratamento dado às mulheres que não se encaixam na categoria eleita por Pizan, parece colocá-la no mesmo patamar daqueles que, misoginamente, impõem à mulher uma posição sobredeterminada e comprometida com os sentidos. Assim é de se notar certa presença de um discurso, cuja retórica, baseada num complexo sistema binário de hierarquia, parece, inadvertidamente, ser reproduzido pela escritora.

Entretanto essa retórica participa de um longo processo cultural que acaba por envolver as concepções sobre a configuração do gênero na mentalidade e na cultura do mundo ocidental, a partir de diferenças naturais e institucionais entre os sexos. A configuração dessa retórica contribui para o estudo da literatura e da poética na definição dos gêneros sexuais no Ocidente, ao mesmo tempo promove uma ligação entre os escritos patrísticos e a literatura dos séculos XII e seguintes.

De certo modo, Pizan utiliza-se do estatuto masculinista para se elevar e ser colocada no mesmo patamar de escritores como Dante Alighieri e Giovanni Boccaccio,

seus conterrâneos. O fato de ser a escolhida para erigir uma fortaleza, faz com que ela possua os requisitos necessários para vencer tal propósito. A recomendação que ela recebe das três damas é para que tirasse proveito de escritos misóginos como *Lamentações de Mateolo*, *o Romance da Rosa* entre outros e os usasse a seu favor. É nesse sentido que o discurso de Pizan colabora para a formação do pensamento feminino escrito por uma mulher, mesmo que esse discurso esteja permeado pela cultura androcêntrica que a cercava.

Luciana Eleonora de Freitas Calado (2006), em sua tese de doutorado que resultou em uma tradução acadêmica para o português do livro *Cidade das Damas*, afirma que Christine de Pizan seria a primeira mulher a ocupar o ofício de escritora como profissão e a viver dessa renda. Para Calado (2006), a escritora de origem italiana é uma das primeiras vozes que tratou textualmente de apontar muitos pensamentos derogatórios da natureza feminina, diacronizados em formações essencializantes sobre a índole da mulher e sua função social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como afirmado na introdução deste trabalho, tivemos como proposta central o levantamento de pronunciamentos de defesa da mulher em obras da Idade Média para uma reflexão sobre fatores que influenciaram práticas, concepções e imaginários sobre a representação da mulher. Para tanto, realizamos o levantamento seletivo de textos como *Letter 6*, de Abelardo (1955), *Liber consolationis et consilii*, de Albertano of Brescia (1873), a edição londrina de *Dives and Pauper* (1980), *The southern passion* (1927), *The thrush and the nightingale* (1991), *Liber decem capitulorum* de Marbod de Rennes (1984a e b), *A lover's confession* de John Gower (1900), *Master Richard's Bestiary of Love and Response*, de Richard de Fournival (1986) e *The Book of the City of Ladies* (1982), de Christine de Pizan (1891) que trazem um diálogo sobre a defesa da mulher.

Essas obras fornecem elementos para um estudo teórico e crítico acerca dos fatores condicionantes culturais e ideológicos que influenciaram na formação do imaginário sobre a mulher e contribuem para a complementação de estudos já realizados sobre o assunto. A exemplo disso, citamos Bloch (1995), com sua análise das imagens ambivalentes entre o antifeminismo e a cortesia. Esse autor considera vários aspectos críticos relativos à representação do feminino pela mentalidade e pela visão de mundo

da época e percebe que a articulação patrística dos sexos é construída a partir da analogia entre o mundo da inteligência e o mundo dos sentidos, de fundas raízes platônicas. Nessa distinção entre mente e corpo, podemos notar que a mulher assume uma projeção de inferioridade e, portanto, suscetível a vícios.

Por natureza, como afirma Christiane Klapisch-Zuber (2006), a mulher só poderia ocupar um lugar secundário na sociedade medieval e, para se compreender como essa sociedade articulou masculino e feminino, devemos respeitar ideias e comentários que traduziram a inferioridade da natureza da mulher e os argumentos que a corroboraram. Sobretudo, devemos, questionar como construções misóginas reforçaram o imaginário de uma sociedade sobre as definições de masculino/feminino. Ao mesmo tempo, refletir, de maneira crítica, sobre os suportes intelectuais que firmaram tais representações para que elas não continuem a se repetir.

Ademais, o discurso medieval misógino atua pela separação, pela diferenciação do feminino em oposição ao masculino. Portanto, o corpo feminino teve seus defeitos expostos e reunidos em torno de um discurso desrealizante da mulher. Justamente a respeito desses defeitos que Christine de Pizan resolveu escrever. De certo modo, o mundo em que viveu Pizan a fez partilhar da visão do feminino que seus opositores defendiam, porém ela o ressignifica. Para atingir seu objetivo, ela utiliza uma das principais características da literatura clássica que é ter como princípio de criação poética a apropriação intencional de textos precedentes, sejam eles muito anteriores ou da mesma época dos que os toma como matéria exemplar. Ao compor sob esse princípio, a escritora de origem italiana faz reconhecer seus predecessores, empregando fórmulas e técnicas que caracterizam o gênero da obra e tomando por empréstimo textos ou partes deles, temas e conteúdos conhecidos de um determinado público, reproduzidos em um novo arranjo e em um novo contexto.

Em sua educação humanista, voltada para o comportamento e a ética das damas do seu tempo, Christine de Pizan erige sua cidade, cuja base tem preocupação com a edificação espiritual e com o comportamento de homens e de mulheres. Ao retratar essa preocupação e assumir em sua obra elementos da vida pessoal e afetiva, a escritora erige o primeiro esboço de um significado para a identidade feminina e os ideais de uma sociedade mais justa para as mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Série *Estudos Medievais* 5: Abordagens interdiscursivas no contexto da cultura medieval.
ISBN 978-85-69643-29-6

ABELARD AND HELOISE. Letter 6 (*De auctoritate vel dignitate ordinis sanctimonialium*). In: MUCKLE, Joseph T. The Letter of Heloise on Religious Life and Aberlard's First Reply. **Mediaeval Studies**, v. 17, 1955, p. 240-281.

ALBERTANO ALBERTANO OF BRESCIA. **Albertani Brixiensis Liber consolationis et consilii**. Ed. T. Sundby. 2nd ser., viii. London: Chaucer Society, 1873.

ALLEN, Sr Prudence, RSM. **The Concept of Woman: The Aristotelian Revolution 750 BC-AD 1250**. Montreal: Eden Press, 1985.

ARAÚJO, Márcia Maria de Melo. **Imagens femininas e de feminização da mulher nas cantigas de amigo galego-portuguesas**. 225f. 2013. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2013.

ARAÚJO, Márcia Maria de Melo; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Christine de Pizan e a defesa da mulher na literatura medieval. In: _____. (Orgs.) **Mulher, medievo e configurações simbólicas**. Goiânia: Kelps, 2017. p. 91-102.

ARISTOTLE. **Generation of animals**. Trad. a. L. Peck. London: Heinemann, and Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1963.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: mitos e fatos**. Trad. Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 1.

BESTIÁRIO Toscano (El). Trad. del catalán por Alfred Serrano i Donet y Josep Sanchís i Carbonell. Madrid: Ediciones Tuero, [s. d.].

BLOCH, R. Howard. **Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. Trad. Claudia Moraes. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

BORRESEN, K. **Subordination and Equivalence: The Nature and Role of Women in Augustine and Thomas Aquinas**. Trad. C. H. Talbot. Washington, DC: Catholic University Press of America, 1981.

CHRISTINE DE PIZAN. L'Epistre au Dieu d'Amours. In: _____. **Oeuvres Poétiques de Christine de Pizan**, ii. Ed. M. Roy. Paris: SATF, 1891.

_____. **La Querelle de la Rose: Letters and Documents**. Trad. J. L. Baird and J. R. Kane. Chapel Hill: University of North Carolina, 1978.

_____. **The Book of the City of Ladies**. Trad. E. J. Richards. New York: Persea Books, 1982.

_____. **A cidade das damas**. Trad. L. E. de F. Calado. In: CALADO, Luciana Eleonora de Freitas, *A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan / Estudo e tradução*. 2006. 371 páginas. Tese de Doutorado em Teoria da Literatura. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, p. 113-358.

Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp059489.pdf>. Acesso: 11 abr 2015.

DIVES AND PAUPER. Ed. P. Barnum. EETS, 280, i, pt. 2. London: Oxford University Press, 1980.

DUBY, Georges. **Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios**. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. **Caminha e a carta de “achamento” do Brasil:** ideário e estratégias narrativas confrontados em Colombo. *Luso-Brazilian Review*, Madison, v. 33, n. 4, p. 99-120, 1996.

_____. **Bestiário e discurso do gênero no descobrimento da América e na colonização do Brasil.** São Paulo: Edusc, 2011.

GOWER, John. A Lover's Confession. In: _____. **The English Works of John Gower.** Ed. G. C. Macaulay. EETS, ES 81. ii, 2 v. London: Oxford University Press, 1900, p. 354-355.

KAPLAN, Cora. **Sea Changes: Culture and Feminism.** London: Verso, 1986.

KLAPISCH-ZUBER, Christiane. Trad. Eliana Magnani. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Coords.) **Dicionário temático do Ocidente Medieval.** Bauru: Edusc, 2006. v. 2. p. 137-150.

KELLY, F. Douglas. Reflections of the Role of Christine de Pizan as a Feminist Writer. **Sub-stance**, Wisconsin, n. 2, p. 63-71, 1972.

LABÉ, Louise. **Amor e loucura.** Trad. Felipe Fortuna. São Paulo: Siciliano, 1995.

MARBOD DE RENNES. De meretrice. In: _____. **Liber decem capitulorum.** Ed. R. Leotta. Rome: Herder, 1984a.

MARBOD DE RENNES. De matrona. In: _____. **Liber decem capitulorum.** Ed. R. Leotta. Rome: Herder, 1984b.

MCLAUGHLIN, Eleanor. Les Femmes et l'hérésie médiévale: un problème dans l'histoire de la spiritualité. **Consilium**, III, 1976, p. 73-90.

MURARO, Rose Marie & PUPPIN, Andrea Brandão (Orgs.). **Mulher, Gênero e Sociedade.** Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2001.

RICHARD DE FOURNIVAL. **Master Richard's Bestiary of Love and Response.** Trad. J. Beer. Berkeley. Los Angeles and London: University of California Press, 1986.

ROGERS, Katharine M. **The Troublesome Helpmate: A History of Misogyny in Literature.** Seattle: University of Washington Press, 1966.

SULLEROT, Evelyne. Trad. de F. G. Preto e M. Taboada. **La mujer, tema candente.** Madrid: Editora Guadarrama, 1971.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **História das mulheres e as representações do feminino.** Campinas: Curt Nimuendajú, 2008.

THRUSH AND THE NIGHTINGALE, THE (Anônimo). In: CONLEY, J. W. (ed.). **Middle English Debate Poetry: A Critical Anthology.** East Lansing: Colleagues Press, 1991. p. 237-248.

XAVIER, Elodia. **Tudo no feminino.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

XENOFONTE. **Banquete**, Apologia de Sócrates. Trad. de Ana Elias Pinheiro. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e humanístico da Universidade de Coimbra, 2008. (Coleção autores Gregos e Latinos. Série Textos).

WHITE, T. H. **The book of beasts:** being a translation from a Latin Bestiary of the Twelfth Century made and edited by T. H. White. New York: Dover Publications, 1984.